

PROFESSORES RIBEIRINHOS, SABERES, TRABALHO DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA NO ALTO SOLIMÕES NA AMAZÔNIA

Eloy Lima Menezes
Centro de Estudos Superiores de Tabatinga/UEA
E-mail: eloymenezes.l@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é fruto de nossa experiência docente, trabalhando como professor, coordenador, supervisor em escolas públicas, universidades, Programas Especial de Formação Docente, Programa de Formação e Valorização de Professores da Educação, Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Programa de Letramento “Reescrevendo o Futuro”. Objetivo: analisar e compreender as condições em que os professores ribeirinhos realizam seu trabalho docente, como produzem os saberes, sua história de vida no Alto Solimões na Amazônia. Metodologia teve base os depoimentos, as narrativas, conversa informal dos professores em formação do PEFD, PROFORMAR, PARFOR e “REESCREVENDO O FUTURO”. Abordaram suas dificuldades em sala de aula, ausência de literaturas específicas para realização de seu trabalho docente. As técnicas foram produção de pequenos textos contando sua história de vida, expondo as dificuldades familiar, docentes e econômicas, a produção de saberes em seu local de trabalho. Os resultados foram significativos, visto que conseguimos constatar por meio das narrativas que o professor ribeirinho enfrenta dificuldades diversas para realizar o seu trabalho em sala de aula, escola com pouco estrutura, falta de livros didáticos, acompanhamento pedagógico, ausência do poder público.

Palavras-chave: Professor ribeirinho, trabalho docente, produção de saberes, Alto Solimões.

INTRODUÇÃO

Ser professor ribeirinho no Alto Solimões, na Amazônia, implica em enfrentar desafios cotidianos, tais como, corredeiras, ventanias, banzeiros, traslado do município à comunidade em que trabalha o professor. O trabalho docente realizado em escola no Alto Solimões implica em pouca estrutura das escolas, escassez de material didático, ausência de apoio pedagógico e do poder público, visto que as comunidades ficam distantes.

Compreendemos, portanto, que os professores ribeirinhos do alto Solimões são profissionais que desafiam seu tempo e espaço sobre o ato de ensinar, pois apresentam formação limitada para realização do trabalho docente, enfrentamento desafios no ato de ensino e aprendizagem dos estudantes. Por outro lado, o acesso a formação contínua é difícil do ponto de vista das oportunidades, por trabalharem distante dos centros urbanos. Na verdade, o trabalho docente em seu cotidiano, exige adaptações pedagógicas para garantir a realização de suas atividades docentes em sala de aula.

O tema em questão tem sentido epistemológico e ontológico, pois nos remete a uma reflexão crítica de conceitos e uma discussão ampla frente a vida dos professores ribeirinhos. O objetivo do trabalho, oportunizar uma análise crítica-reflexiva da realidade existente no Ato Solimões, da vida dos professores ribeirinhos, de seus saberes, sua formação e seu trabalho

docente, além de refletir, analisar e compreender a realidade em que vivem. Para o pesquisador é uma questão significativa visto que envolve o Alto Solimões na Amazônia.

Justifica-se por ser um trabalho significativo do ponto de vista social e educacional, que envolve formação de professores, trabalho docente, história de vida de profissionais engajados no processo do ensino e aprendizagem no Alto Solimões na Amazônia. A metodologia, utilizada teve como base depoimentos e conversa informal de professores que estudaram no PEFD, município de Benjamin Constant, PROFORMAR, Santo Antônio do Içá, PARFOR, Atalaia do Norte, “REESCREVENDO O FUTURO”, Tabatinga.

A pesquisa é qualitativa, consubstanciada no método dialético frente as narrativas sobre história de vida do professor ribeirinho na realização de seu trabalho em sala de aula. As técnicas foram produção de pequenos textos contando sua história de vida, expondo suas dificuldades, a questão familiar e econômicas. Os instrumentos utilizados a conversa informal, uso de papel ofício sem timbre para produção de suas histórias de vida. O objeto de estudo foram os professores ribeirinhos em formação.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 50 anos, a Amazônia vem perdendo sua grandiosidade de sustentabilidade, a cada momento sofre grandes mudanças no percurso de sua história, alterações nos seus rios, igarapés, lagos, igapós, fauna e flora. Com esse avanço devastador, a Amazônia vai deixando um legado de devastação, seja nas nascentes dos rios, extração da madeira, eliminação da caça e da pesca e a vida dos ribeirinhos a cada momento se agrava.

A escassez de alimentos, de madeira, da caça e da pesca, da fauna e da flora vem a cada momento se deteriorando através da ação do homem. O homem prejudicando a vida do próprio homem, no caso aqui, dos caboclos ribeirinhos. A vida dos ribeirinhos agora é cheia de dificuldades no que tange a sua subsistência, visto que, a destruição da floresta não para de crescer.

A Amazônia pede socorro, “a mãe natureza chora” por ser devastada a cada momento de sua história, ficando cada vez mais desprotegida, sendo atingido em cheio os moradores da floresta, o caboclo ribeirinho. Vários são os problemas causados: o desmatamento, a poluição dos rios, de lagos e igarapés. A extração ilegal da madeira, do ouro, do petróleo, da caça e da pesca. Problemas esses que modificaram e dificultaram a sobrevivência dos ribeirinhos.

O trabalho aqui apresentado tem como tema, *caboclo ribeirinho: trabalho, saberes, conhecimentos e história de vida na Amazônia - Alto Solimões*. Este, porém, está constituído de cinco itens. O primeiro trata especificamente do caboclo ribeirinho

do Alto Solimões. O segundo se refere ao trabalho do caboclo ribeirinho. O terceiro corresponde aos saberes dos caboclos ribeirinhos. O quarto aborda os conhecimentos e os saberes do povo da floresta e por último, tratamos da história de vida dos caboclos ribeirinhos na Amazônia, precisamente no Alto Solimões.

O objetivo do trabalho foi apresentar uma produção científica no final da disciplina, precisamente aos professores do curso. A fundamentação teórica do trabalho se baseou em artigos, textos, livros, dissertações, teses apresentadas pelos professores no decorrer das aulas. A metodologia foi ancorada em diversas leituras, aulas teóricas e dialogadas, discursões e debates

PROFESSORES RIBEIRINHOS, SABERES, TRABALHO DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA NO ALTO SOLIMÕES NA AMAZÔNIA

REFERENCIAL TEÓRICO

O agravamento da contaminação do solo, dos rios, lagos e igarapés agrava-se a cada ano no Alto Solimões na a Amazônia, o desmatamento, a extração desordenada da madeira, do pescado e da caça contribuem negativamente na sobrevivência da população ribeirinha, dos pescadores, professores e estudantes que dependem da água para beber, do solo para plantar, dos rios, lagos e igarapés para pescar e navegar. O avanço histórico da poluição deixa-os preocupados, pois a destruição da floresta pelo homem, prejudica a população, significativamente, deixando-a cada vez mais vulneráveis a doenças, contaminação de seus alimentos e principalmente da biodiversidade da Amazônia.

Neves (2009) explica, o ribeirinho é um perfeito companheiro da natureza, no entanto, sofre demasiadamente com a exploração dos comerciantes, que vendem os produtos de suas primeiras necessidades. Os professores ribeirinhos muitas vezes são obrigados a submeterem-se as normas desses comerciantes, visto que, não tem outras opções. Magalhães (1999) diz que, o ribeirinho é uma categorial social que trabalha em prol de sua sobrevivência, interagindo e descobrindo novos conhecimentos que vão de geração a geração. Galvão (1951), Wagley (1952), Stenberg (1956), estudiosos do assunto apresentaram os primeiros estudos sobre ribeirinhos, referindo-se aquele que anda nos rios e dele sobrevive. Pretrere Jr. (1992) e Furtado (1993) afirmam que as comunidades ribeirinhas da Amazônia são compostas de moradores que divide o tempo entre a agricultura, a caça e a pesca.

Concordamos com os autores, visto que, com base em nossa experiência de vida podemos dizer que os rios, lagos, igarapés, igapós, solo e floresta, são elementos fundantes que oportunizam a sobrevivência dos ribeirinhos, dos professores, estudantes e comunidade, visto que vivem em meio à floresta, utilizando como sustento em sua vida cotidiana. É da floresta que retiram o açaí, bacaba, buriti, mapati, abil, maracujá, sapa e a mandioca que dela fazem a farinha, o beiju, a tapioca, o pé-de-moleque, dentre outros produtos alimentícios.

Refletir sobre as condições em que trabalham os professores ribeirinhos no Alto Solimões na Amazônia, implica compreender a sua complexidade que se expressa em sua

vasta responsabilidade docente. Por outro lado, Colares (2011), diz que o espaço geográfico amazônico continua passando por diversas alterações, dentre elas, as investidas na busca de riquezas. A intenção de quem busca a região nos parece ser a procura de riquezas como o ouro e a biodiversidade amazônica.

Entendemos que a população ribeirinha amazônica é constituída por negros, indígenas e brancos, predominando o “caboclo amazônico”, fruto da miscigenação das raças”, segundo Santos, Salgado e Pimentel (2010). Neste contexto, ser professor nesta região requer comprometimento pessoal que atendem o processo de ensino e aprendizagem.

Lima e Andrade (2010), dizem que os habitantes margeiam os rios, têm conhecimentos, e saberes, informações que lhes chegam através das narrativas transmitidas de geração a geração, as quais circulam de boca em boca pelos residentes e navegantes que chegam a região do alto Solimões. Para Formigosa, Lucena e Silva (2017), o modo de ser, viver e saber do mundo construído pelo homem amazônico, sofrem influência direta da relação entre homens, mulheres e floresta, visto que sobrevive dos rios, lagos, igapós, igarapés, esta forma de domínio natural são os saberes que constituem a vida de um povo, aprendendo por meio das narrativas.

Para Ghedin (2008), toda ação educativa carrega uma carga de intencionalidade que integra e organiza sua práxis, confluindo para a esfera do fazer, nesse sentido, os professores ribeirinhos do Alto Solimões, procuram de certa maneira realizar sua prática docente mediante as condições existentes no seu meio, procurando realizar suas atividades escolares para que os estudantes possam compreender a intencionalidade das aulas ministradas pelo professor.

METODOLOGIA

A busca de conhecimentos significa interesse do pesquisador, sendo ele capaz de pensar, analisar, refletir sobre seu objeto que se propõe a investigar. No entendimento de Severino (2007), a ciência se constitui de aplicação de técnicas, segundo um tipo de método, fundamentado epistemologicamente. Para Nakayama e Passos (2018, p. 22), “a utilização da pesquisa narrativa no contexto educacional está associada a uma dimensão flexível de pesquisa, extrapolando os traçados rígidos, fechados e quantificáveis da ciência moderna”. Compreendemos que o processo investigativo com base em narrativas é de fato um campo aberto para o pesquisador educacional que se debruça em novas descobertas.

A metodologia da pesquisa, teve como base depoimentos e conversa informal de professores ribeirinhos em formação que estudaram no PEFD, município de Benjamin Constant (2000), PROFORMAR, Santo Antônio do Itá (2002), PARFOR, Atalaia do Norte (2004), “REESCREVENDO O FUTURO”, Tabatinga (2007). As técnicas foram produção de pequenos textos contando história de vida antes a formação docente. Os instrumentos foram conversa informal, história de vida e produção de escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhar as margens de rio, lago ou igarapé, é realmente um grande desafio para os professores em formação nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga, porém, estes desafios fazem parte do seu cotidiano escolar-docente. Com a pesquisa foi possível obter os seguintes resultados: professor com pouca formação, escolas com a mínima estrutura, falta de apoio pedagógico, ausência do poder público. As narrativas dos professores comprovam essas dificuldades para a realização do seu trabalho em sala de aula.

CONCLUSÃO

O processo da busca de conhecimentos requer interesse e vontade do pesquisador. No entanto, as narrativas construídas pelos professores demonstram ausência de condições para a realização de trabalho docente nas escolas. Por outro lado, a produção de saberes requer persistência e improvisação por parte dos docentes, outro fator é a ausência de formação contínua. Nesse sentido, é preciso comprometimento dos órgãos responsáveis pela educação nos municípios, visto que sem as condições necessárias se torna um tanto quanto difícil realizar um bom trabalho do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. É preciso resolver o impasse para garantir as condições necessárias de trabalho aos professores ribeirinhos do Alto Solimões.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Aldecy Rodrigues de. LIMA, Erika dos Reis Gusmão. **Os ribeirinhos e suas relações com os saberes**. Revista Educação em Questão, natal, vol. 38, n. 24, p. 58-87, mai/ago, 2010.
- COLARES, Anselmo Alencar. **História da educação na Amazônia. Questões de natureza teórico-metodológicas: críticas e proposições**. Universidade Federal do Oeste do Pará. Revista HISTEDBR – On line, Campinas, número especial, p. 187-202, out 2011- ISSN: 1676-2584.
- FORMIGOSA, Marcos Marques; LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de; FARIAS, Carlos Aldemir. **Um navegar pelos saberes da tradição na Amazônia ribeirinha por meio da Etnomatemática**. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, online, v. 10, n. 1, p. 88-100, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14003>.
- FURTADO, L.F.G. **Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. CNPQ/MPEG. Belém. (1993, p. 486).
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de métodos na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GALVÃO, Eduardo Enéas Gustavo (1951), WAGLEY, Charles (1952), STENBERG, Birgitta Alma Sofia (1956). In; **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. NUPANB-USP/PROBIO-MMA/CNPq. São Paulo: 1999.
- LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico**. Novos Cadernos NAEA vol. 2, no. 2 - dezembro, 1999.
- NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi; PASSOS, Laurizete Ferragut. (Orgs.). **Narrativas, pesquisa e formação de professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. Curitiba: CRV. 2018.
- NEVES, Josélia. **Ribeirinhos, desenvolvimento e sustentabilidade possível**. Presença, revista de educação, cultura e meio ambiente. Mai – N o . 28, vol. VIII, 2004.
- SANTOS, Cássio Rogério Graças dos; SALGADO, Mayany Soares; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. **Ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza**. Universidade Federal do Pará, 2010.
- PRETREIRE Jr. M. **As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais**. In: Diegues, A.C. **Populações humanas, rios e mares da Amazônia**. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. São Paulo (1992, p.31-68).
- SEVVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PROFESSORES RIBEIRINHOS, SABERES, TRABALHO DOCENTE E HISTÓRIA DE VIDA NO ALTO SOLIMÕES NA AMAZÔNIA

1. Professores ribeirinhos.

Os professores ribeirinhos são caboclos da Amazônia, seres humanos humildes, porém, de talentos, que apresentam cultura, hábitos e costumes diferentes do homem da cidade. Os professores ribeirinhos são trabalhadores que acordam cedo, pois além de suas atividades pedagógicas, assumem outras atividades na agricultura familiar, plantando produtos, como a melancia, banana, abacaxi, milho para ajudar na manutenção da família.

No entendimento de Neves (2009, p. 81), “o ribeirinho é um perfeito companheiro da natureza, pois dela sobrevive, ocorrendo também com os professores que trabalham em comunidades distante da cidade. Muitas das vezes, os professores se verem obrigados a comprar produtos como açúcar, café, sabão, de regatões que passam pela comunidade.

Pode-se dizer, que os ribeirinhos hoje já podem ir de sua comunidade a cidade vender seus produtos e comprar os de suas necessidades. Lima (1999, p. 5) explica: “O termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social”. Na Antropologia, a definição de caboclos, corresponde aos habitantes tradicionais, imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. Por outro lado, na fala coloquial, caboclo é uma categoria de classificação social, que incluem dimensões geográficas, raciais e de classe.

Caboclo ribeirinho tem hábitos e costumes diferentes, dorme no assoalho de sua “tapera”, planta, caça e pesca para sobreviver. É plantador de roça, fazedor de beiju, de farinha d’água com mandioca puba e ralada. O ribeirinho é homem de linguagem genuína que tem o dom de ajudar o próximo. Lima (1999, p. 8) destaca:

O caboclo é uma categoria de classificação social empregada por estranhos, com base no reconhecimento de que a população rural amazônica compartilha um conjunto de atributos comuns. A natureza do termo caboclo é, portanto, conceitual e consiste em uma categoria social de pensamento analítico. O termo é uma abstração, uma unidade de um sistema de classificação social projetado para retratar as diferenças entre as pessoas na sociedade.

O termo caboclo surge com vários sentidos, para nós, caboclo é o homem da beira do rio, morador dos lagos e igarapés, caboclo é homem forte, conhecedor de sua cultura e defensor de seu território, homem sábio capaz de fazer o remédio com ervas da floresta para cura de suas enfermidades. O caboclo ribeirinho é homem da floresta, conhecedor das trilhas no meio da mata, capaz de sobreviver com os benefícios oferecidos pela natureza que os cercam. Segundo Lima (1999, p. 5) diz o seguinte:

O termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social. Na literatura acadêmica, faz referência aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica. No discurso coloquial, a definição da categoria social caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo. Na Antropologia, caboclos são camponeses amazônicos e distingue os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país.

Observamos que o termo caboclo é amplo e complexo pois poderá está relacionado com várias categorias, porém, vejo ser necessário respeito a esta categoria de trabalhadores, lutam e trabalham para viver com dignidade. A Carta Magna de 1988, preconiza estes direitos sem discriminação de raça, cor ou credo religioso.

Para Wagley (1976, p. 105), “O caboclo amazônico só existe no conceito dos grupos de status mais elevado”. Por outro lado Ribeiro, (1970, p. 375) diz: “caboclo é sempre o outro”. Segundo o Dicionário Aurélio “caboclo” vem tupi kariboka, que significa, “procedente do branco”. Importante destacar que o caboclo é homem da beira do rio e da floresta, que vive na região Amazônia esperando por melhores qualidade de vida, de políticas públicas pertinentes de quem demanda os poderes públicos.

Considero significativo destacar, o caboclo é uma categoria que se refere ao branco e o índio e este tipo de combinação tem relação com a região amazônica. Para Lima (1999, p. 8) “a natureza do termo caboclo é conceitual e consiste em uma categoria social. O termo é uma abstração, uma unidade de sistema de classificação social projetado para retratar as diferenças entre as pessoas na sociedade”. é preciso entender que os atributos que define a categoria caboclo estão relacionadas com o poder econômico, político e cultural.

Galvão (1951), Wagley (1952) e Stenberg (1956), apresentaram os primeiros estudos sobre caboclos-ribeirinhos. Afirmaram que o termo “ribeirinho”, refere-se

aquele que anda nos rios, visto que o rio constitui a base de sobrevivência. Pretrere Jr. (1992) e Furtado (1993) declaram que as comunidades ribeirinhas da Amazônia são compostas de moradores que divide o tempo entre a agricultura, a caça e a pesca.

Com base nos estudos teóricos apresentados pode-se compreender que o termo caboclo envolve várias interpretações, porém, etimologicamente o termo, o qual nos referimos é o caboclo da Amazônia, plantador de roça, colhedor de milho, fazedor de farinha de mandioca, morador em palafitas nas margens dos rios.

Considero relevante citar o Decreto, 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que veio favorecer teoricamente os ribeirinhos, visto que, o poder público pouco tem feito para ampará-los. Observamos que nos últimos anos, a pobreza dos amazônicos aumenta cada vez mais, não temos políticas públicas contundentes empreendidas pelos governos federal, estadual e municipal, deixam o homem da floresta sem atender suas primeiras necessidades.

O referido Decreto, em seu art. 1º. item III, declara: “a segurança alimentar e nutricional são direitos dos povos e comunidades tradicionais devem ter acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais”. Na verdade, não se verifica essas ações preconizadas no referido artigo. O que vemos são famílias ribeirinhas lutando, plantando, criando, colhendo e vendendo para sua sobrevivência.

O texto, “História da Educação na Amazônia, questões de natureza teórico-metodológicas: críticas e proposições” de Anselmo Colares (2011, p. 189) destaca: “refletir sobre a Amazônia implica reconhecer a complexidade que se expressa na sua vasta territorialidade.

Trata-se de um conceito construído, arbitrário, carregado de intencionalidades e de historicidade”. Acrescenta, “o espaço geográfico amazônico passou e continua passando por diversas alterações, sendo que, as mais significativas correspondem aos contextos de investidas na busca de riqueza”.

Consideramos de suma importância a declaração do professor Anselmo Colares com relação à Amazônia, visto que suas riquezas, a cada momento de sua história está sendo contrabandeada por estrangeiros, sendo devastada, explorada, invadida que quer o governo federal, estadual ou municipal assumam a

responsabilidade de preservação de suas nascentes, seus rios e igarapés, fauna e flora.

Entendemos que esse processo de devastação, exploração prejudica significativamente os moradores da floresta, dos rios, igarapés e lagos. Observamos que é pouca ou quase nenhuma as investidas das autoridades que deveriam defender a Amazônia, o habitat dos ribeirinhos.

2. Trabalho dos ribeirinhos

O trabalho é uma atividade humana sobre a qual, o ribeirinho emprega sua força de trabalho para produzir os meios de sua sobrevivência. É do trabalho que os ribeirinhos sobrevivem, pescando, caçando, plantando principalmente. Consideramos o trabalho dos ribeirinhos como um conjunto de atividades diversas realizadas no âmbito da floresta com esforço e luta como o objetivo de sobreviverem em suas comunidades, juntamente com suas famílias.

O trabalho empírico dos ribeirinhos está relacionado com o plantio da roça, a pesca, a coivara, a colheita. Esses tipos de trabalho são realizados em meio a chuva e sol, muitas vezes sem uma alimentação adequada. O ribeirinho do Alto Solimões, homem da floresta, trabalha muito, as vezes com fome, passando do horário de se alimentar, e quando não tem o peixe ou a carne, seu alimento é farinha molhada com sal, a famosa “jacuba”.

Existem outras formas de realização do trabalho pelos ribeirinhos, uma delas é o “ajuri”, forma de trabalho coletivo que reúne familiares, vizinhos, comadres, compadres para realizar o trabalho de roçagem, derrubada da mata, encoivaramento, as queimadas, é na verdade, esse trabalho comunitário é de suma importância para uma união coletiva, que podemos dizer, “um verdadeiro comunismo” comunitário.

Os ribeirinhos do Alto Solimões são trabalhadores que residem nos beiradões dos rios, lagos e igarapés que caracterizam-se por ter como principal atividade de subsistência econômica, a agricultura, a pesca e a caça. Consideramos importante destacar que, o povo ribeirinho são descendentes de migrantes nordestinos que ocuparam a Amazônia na segunda metade do século XX, atraídos pela propaganda oficial para trabalharem na extração do látex, os conhecidos como soldados da borracha. Neves (2004, p. 1-2).

Os ribeirinhos são trabalhadores que residem nas proximidades dos rios, porém não só dos rios, mas lagos e igarapés, onde instalam-se às margens dos rios, dos lagos e igarapés, e ali moram vivendo da natureza constitui ambientes favoráveis a construção de moradias, de plantações, da busca da caça na floresta, o peixe dos rios, dos lagos e dos igarapés.

A madeira para a fabricação de seus transportes como canoa, barcos e remo, são retirados da floresta. A natureza amazônica é o espaço natural dos ribeirinhos que dali sobrevivem. Ferrarini (2013) em seu livro “encontro de civilizações: o Alto Solimões e as origens de Tabatinga destaca: “Na Amazônia, temos uma multiplicidade de formas naturais. As florestas dominam grande parte, se estendem até as fraldas dos Andes, grandes alturas”. Neste contexto situa-se o intricado mundo das águas constituído de grandes rios, igarapés, lagos, furos e igapós. Ferrarin (2013, p. 43). O trabalho dos ribeirinhos na Amazônia, precisamente no Alto Solimões é na agricultura de subsistência.

Selma Suely Baçal de Oliveira da Universidade Federal do Amazonas em seu trabalho, “a indústria eletroeletrônica e a qualificação dos trabalhadores (2009) que diz o seguinte: “o desenvolvimento do capitalismo é marcado por mudanças tecnológicas intensas que intensifica a internacionalização da economia, globalização financeira do capital que promovem a introdução de inovações tecnológicas e organizacionais de grande porte no “mundo do trabalho”. Oliveira (2009, p. 112).

Compreendemos que o avanço da economia global a cada momento de sua história prejudica os moradores da floresta, desarticula sua forma de vida natural, sua forma de trabalho, uma vez que avança com novas tecnologias e os ribeirinhos não tem as mínimas condições para acompanhar essas mudanças em vista estabelecerem-se nos locais distantes dessas novas tecnologias.

Por outro lado, a professora Selene Oliveira, também da Universidade Federal do Amazonas declara em seu trabalho “a formação profissional frente as novas tecnologias”. “a crise do capitalismo indica uma perspectiva sombria em relação ao futuro do trabalho. As atuais transformações apontam o agravamento do quadro social no mundo inteiro, aumentam as taxas de desemprego, a queda dos níveis salariais, a precarização do trabalho, acentuada exclusão social”. Oliveira (2009, p. 134).

A crise do capitalismo avança a cada momento, prejudica o desemprego atingindo os menos favorecidos, afeta o trabalho nas indústrias, nas fábricas, no campo na periferia, nos rios, lagos e igarapés, prejudicando de certa maneira a vida os ribeirinhos que vivem às margens dos rios e que dependem de produtos de primeiras necessidades para sua sobrevivência.

O trabalho, como a agricultura familiar é uma das principais fontes de renda do ribeirinho, por outro lado, a pesca, também constitui um grande esforço de quem depende da floresta para o sustento da família, onde pescam nos rios, lagos e igapós de onde tiram o pirarucu, tambaqui, tucunaré, carauaçu, matrinhã, bodó, pacu, sardinha, dentre outras variedades de peixes.

A caça e a extração da madeira são trabalhos que exigem esforços significativos do ribeirinho, pois são realizados há quilômetros de distância de sua residência e requer conhecimento da floresta para serem retirados da floresta. O pescado é encontrado nos rios, lagos e igarapés, trabalho esse que também precisa de conhecimentos para poderem ser capturados.

O plantio de mandioca, jerimum, milho, melancia, banana e outros produtos, ocorrem às margens dos rios ou em terra firme, pois são produtos que contribuem na alimentação familiar de época em época. O ribeirinho não pode se dar o luxo de não plantar, pois não plantando não tem a alimentação necessária para alimentar sua família que vivem dessas atividades domésticas.

3. Saberes dos ribeirinhos

O ribeirinho tem saberes, história e necessidades como qualquer outro ser humano, conhecem o espaço geográfico que vive, através de suas experiências de vida. O sol é seu relógio natural diurno, assim como a lua é seu guia natural noturno que lhes dão orientações necessárias para chegar ao seu destino.

O povo da floresta é sábio, porque vivem com os recursos extraídos da floresta, os recursos naturais. Santos, Salgado e Pimentel (2010, p. 5) afirmam: “a população amazônica é constituída basicamente por negros, indígenas e brancos, predominando o “caboclo amazônico”, fruto da miscigenação das raças”. Compreendemos que essa miscigenação amazônica é fruto da mistura de raças, brancos, negros e índios que povoou o território amazônico com objetivo de viver uma vida melhor. Arthur César Ferreira Reis (1997) diz o seguinte:

Desde o período em que os ingleses, holandeses, franceses, espanhóis e portugueses, em disputa militar e em concorrência mercantil, se lançaram a grande empresa de descobrir, penetrar, dominar politicamente a região, impondo-lhe soberania europeia e criando o empório de matéria-prima que satisfizesse as exigências dos mercados consumidores do Velho Mundo. Reis (1997, p. 13).

A Amazônia com destaque o Alto Solimões tem sentido a ausência de preservação do seu meio ambiente, da sua biodiversidade cobiçada pelos estrangeiros que adentraram no território brasileiro amazônico na intenção de contrabandear os produtos de maior valor de mercado e dominar politicamente e economicamente o espaço geográfico. Os ribeirinhos dos rios Solimões, Javari, Ituí, Curuçá, Itecoá vivem “acuados”, em vista o avanço do desmatamento, a exploração da madeira, da caça e da pesca. Esse avanço desordenado dos estrangeiros e empresas interessadas em madeira de lei, caça e pesca prejudicam a vida dos ribeirinhos. Lira e Chaves (2015, p. 72) declaram:

A Amazônia é ocupada por uma diversidade de grupos étnicos e por populações tradicionais desde a sua colonização”. O homem amazônico é o resultado dos intercâmbios históricos entre diferentes povos e etnias, visto que, a Amazônia sempre foi cobiçada pelos estrangeiros desde a chegada dos jesuítas no Brasil, esses invasores tinham interesses no comércio de produtos valiosos para vender no mercado europeu.

Apesar das dificuldades dos ribeirinhos de enfrentar a invasão de outros povos tem sido sábios no sentido de saber enfrentar esses ataques sofridos quase que cotidianamente.

Podemos dizer que os saberes dos ribeirinhos estão relacionados com o aprendizado do seu dia-a-dia trazidos e incorporados através de seus ancestrais, os primórdios, moradores das margens dos rios, lagos e igarapés que vivendo na natureza trilharam o caminho do saber fazer observando e praticando. A experiência dos mais velhos, as normas estabelecidas entre as famílias e comunidades são saberes respeitados por todos e pelos moradores da comunidade.

Considerar ainda como saberes dos ribeirinhos a forma de vida, a forma de realização de suas atividades. Outro ponto importante relacionado aos saberes do homem das florestas é a forma de trabalho, o tipo de cultura, os hábitos e costumes saberes preservados até nossos dias.

O saber medicinal do conhecimento das folhas, das cascas, da madeira que servem como remédio à comunidade. Por outro lado, os mais velhos ensinam os mais novos a aprender fazendo, as crianças aprendem a remar, nadar, lavar, pescar, plantar. Esses saberes perpassam de pais para filhos, de geração a geração.

Outros saberes estão relacionados com seu modo de viver na floresta, do saber flechar um peixe, “arpuar” o pirarucu, plantar a bananeira, a maniva, arrancar um pé de mandioca, dentre tantos outros. Lima e Andrade (2010, p. 62) esclarecem: “os habitantes que margeiam os rios tem conhecimento e informações que lhes chegam através das narrativas transmitidas de geração a geração, das informações que circulam de boca em boca pelos navegantes, pelas ondas de rádio ou ainda através dos jornais e revistas que chegam às suas mãos”.

Formigosa, Lucena e Silva (2017, p. 2) dizem o seguinte: “os modos de ser, viver e saber do mundo construído pelo homem amazônida, especialmente o ribeirinho, sofrem influência direta da relação dos rios, lagos e igarapés”. O ribeirinho é homem sábio, porque tem saberes da terra, conhecem a terra, os rios, lagos, igarapés e a floresta. Esses elementos são caminhos e morados do homem das flores.

É importante que o ribeirinho tenha o rio para navegar, tirar dele seu sustento. Almeida (2010, p. 67) com relação a saberes diz: “os saberes constituem uma ciência que, mesmo aprendendo por meio das universais expressa contextos, narrativas e métodos distintos”. Os saberes dos ribeirinhos são aprendidos no dia-a-dia, um com o outro, com os mais velhos com a experiência de vida ensinando os mais novos. A forma de ensinar é tradicionalista, onde o aprendente deve observar como é feito o plantio, a extração da mandioca, a produção da farinha, a tirada da lenha para fazer o fogo, dentre tantos saberes que o aprendiz deve aprender e fazer posteriormente.

Perrenoud (2000, p. 13) abordando as competências relacionadas com o ato de saber fazer, explicita, “a noção de competência designará uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações”. Neste contexto, os saberes dos ribeirinhos acredito que devam está relacionado com a competência do saber fazer dos ribeirinhos. Os saberes do homem da floresta estão intrinsicamente relacionados com a natureza, com seu modo de vida, com o conhecer dos espaços geográficos, aéreos, fluvial através de sua experiência de vida.

Entendemos que saber plantar, colher e vender é uma forma de saber dos ribeirinhos. Saber cortar uma árvore, navegar nos rios, lagos e igarapés consideramos saberes tradicionais vindos de pais para filhos. Conhecer quando a melancia, a abóbora, a macaxeira está no ponto de colher são saberes. Consideramos saberes, o navegar nos rios em uma tempestade, enfrentando o banzeiro, são saberes importantes para vida do povo ribeirinho.

França, et al. (2007, p. 94). In: Fraxe, Pereira e Witkoski (2007, p. 94)) declaram: “o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicionais de valores, crenças, atitudes, modos de vida que delinearam a organização social do sistema de conhecimentos, as práticas naturais extraídas da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes”. Os autores destacam questões significativas com relação aos saberes do homem da floresta e esses saberes são fundamentais para sua sobrevivência.

Amoroso (1996). In: França, et al. (2007, p. 94) afirmam: “a transmissão do conhecimento nas comunidades tradicionais é um procedimento feito oralmente e por este método é perpetuado nas novas gerações, sendo então chamado de transmissão vertical”. Esta forma de ensinar e aprender, apesar de tradicional é a forma de conhecimentos que os ribeirinhos têm para ensinar os mais novos.

Considero importante destacar que o conhecimento é passado de pais para filhos no dia-a-dia do trabalho, das atividades culturais, no decorrer dos dias, meses e anos. Ao longo do tempo esse conhecimento vai se estratificando e cada um vai aprendendo as funções necessárias à vida cotidiana. O diálogo é um método natural, um instrumento que ajuda conhecer os saberes trazidos pelos mais velhos às crianças, o aprender dos jovens, as experiências dos mais velhos é o livro de aprendizagem que muito contribui para o desenvolvimento da família e da comunidade.

Diante desse fato, Freire (1997, p. 19) acrescenta, “não existe o ensinar sem o aprender, e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”. O destaque de Freire é significativo para o diálogo é importante para aprendizagem na comunidade dos mais novos, visto que, este diálogo franco por meio da cultura da conversa se torna um processo de ensino e aprendizagem na comunidade. Por outro lado, o conteúdo produzido e refletido no diálogo se tornam o saber fazer cotidiano dos ribeirinhos.

Para Oliveira (2008, p. 75), “o diálogo na prática pedagógica é o instrumento para problematizar o ensino e a aprendizagem em nosso cotidiano”. Ora, se o diálogo é aprender, o saber é verdadeiro diálogo, isto porque envolve o aprender entre as pessoas, a vontade e interesse de aprender fazer algo importante que venha ajudar na vida da família futuramente.

Por outro lado, entendemos que os saberes ribeirinhos são conhecimentos próprios de cada um da comunidade, onde aprendem lidar com a terra, com a água, com a chuva, com as tempestades, com as mudanças do tempo. Esses saberes são repassados de geração a geração.

Segundo Fraxe (2007, p. 113), apud França et al (2007), em “comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais”. Conhecimento é a informação que as pessoas, numa determinada comunidade, desenvolvem ao longo do tempo, baseado na experiência, adaptado a cultura e ambiente local estando em constante desenvolvimento.

Rever As comunidades ribeirinhas são gente que vive às margens dos rios, lagos e igarapés que possuem conhecimentos sobre seu modo de vida. Segundo Deborah Magalhães da Universidade Federal do Pará, diz que a construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico”. Declara, “no discurso coloquial, a definição da categoria caboclo é complexa, está associada a um estereótipo negativo. Na antropologia são camponeses amazônicos e distingue os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. Lima (1999, p. 5).

Para Erika dos Reis Gusmão Andrade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Maria Aldecy Rodrigues de Lima da Universidade Federal do Acre no artigo, “os ribeirinhos e sua relação com os saberes”, destacam: “os ribeirinhos, sábios na arte do devir e marcados historicamente pelos rincões solitários que se impunham como uma sobre vida, estão imbricados numa rede de saberes permitindo-lhes a sobrevivência na selva.

Diz ainda, “o ribeirinho não fica parado contemplando o rio que passa, pelo contrário, vai em busca de respostas e soluções para os problemas impostos, seja para matar a fome, seja para conseguir ajuda”. Essa forma de aprender ao longo da vida lhes oportunizam os conhecimentos necessários ao enfrentamento das dificuldades. Andrade e Lima (2010, p. 59).

O ribeirinho é gente que deseja uma vida melhor, uma vida que lhe oportunize viver dignamente em condições dignas, necessárias, onde todos possam trabalhar, morar e viver melhor com sua família. Os ribeirinhos do Alto Solimões são caboclos amazônicos que merecem respeito a vida, a sua cultura, seu modo de vida como determina a Constituição de 1988 e o Decreto 6.040 de 2007.

Segundo as autoras, “o homem ribeirinho não se deixa intimidar pelo medo, tendo a pesca e a caça como imprescindíveis, à sobrevivência dos seus, não se acovarda diante do desconhecido”.

Os ribeirinhos são homens fortes, capazes e de coragem para enfrentar as diversidades da floresta, dos rios, dos lagos e dos igarapés. Estes homens de roupas rasgadas, pelo tempo, de cigarro ou cachimbo na boca, usados para expelir a fumaça na intenção de afastar os meruins, piuns, carapanãs, mosquitos que suga o sangue do trabalhador.

Lima e Andrade (2010, p. 66) afirmam que “o ribeirinho mantém uma sólida amizade e cooperação entre si. Os vizinhos são agraciados com o que se tem, dividindo pedaços de queixada ou da pescaria que fazem pelas margens do rio ou igarapés, um litro de farinha para o pirão da garotada e adultos”.

Este é um momento em que todos são solidários uns com os outros, construindo ali, todos os dias uma irmandade, onde um sente o problema do outro e sempre procura solução. “Nas comunidades ribeirinhas, os habitantes estão constantemente implicados com as relações de saber e aprender, porque os saberes construídos, bem como a forma de aprender é uma sobrevivência para todos, as regras sociais envolvem, a história da comunidade.

Segundo Lima e Andrade (2010, p. 70), “o ribeirinho é um ser em aprendizagem. Um povo que aprende a fazer, fazendo, visto que existe aprofundamento sistemático específico no fazer na floresta”. Cada ribeirinho aprende, porque tem a necessidade de aprender, de fazer suas atividades necessárias a sua sobrevivência.

Ainda que o ribeirinho não tenha os conhecimentos das ciências, tem a razão, a vontade, o conhecimento empírico, a crença em seus valores, a vontade de aprender os ensinamentos dos mais velhos, pois esses ensinamentos lhes ajudarão em tempo não muito distantes de sua realidade. O saber fazer e saber conhecer é a sua ciência que oportunizam os conhecimentos aprendidos com a vida cotidiana. Os

conhecimentos aprendidos com os mais velhos é uma forma de buscar o saber fazer. A experiência é um valor agregado à vida dos ribeirinhos do Alto Solimões.

As experiências dos mais velhos são saberes repartidos com a comunidade que envolve o plantar, colher e vender os produtos colhidos na roça, os peixes pescados nos rios, lagos e igarapés. Maria Aldecy Rodrigues de Lima e Erika dos Reis Gusmão Andrade (2010, p. 59) em “ribeirinhos e sua relação com os saberes”. declaram: ‘que os ribeirinhos são homens sábios na arte do devir são seres envolvidos com o trabalho com a luta do dia-a-dia’.

O ribeirinho é homem desbravador, capaz de ir além, além de suas necessidades, homem que convive com alegria e tristeza, com amor e amarguras, mas tem coragem investir em seus objetivos como o sustento de sua família. A capacidade de busca, de entendimento, compreensão dos ribeirinhos nos leva a dizer que são seres humanos “vivos” com capacidade de enfrentar os desafios que a vida lhes oportuniza. Diz Formigosa, Lucena e Silva (2017, 58).

“Navegar por entre os rios, igarapés, furos que “cortam” essa região é entrar num universo de uma diversidade sócio cultural que se renova de acordo com a geografia desses rios, igarapés, furos que surgem ao longo desse território”. Formigosa, Lucena e Silva (2017, p. 2).

Na Amazônia vivem diversos sujeitos como indígenas, ribeirinhos, negros, brancos e pardos, na várzea, terra firme. Sua forma de organização é através do trabalho, das reuniões comunitárias que conversam sobre a melhoria de suas vidas, o plantio, a chuva, a seca.

Este tipo de organização é mediada pelos senhores mais idosos, com mais experiência de vida. Estes sujeitos são considerados os sábios da comunidade porque já conviveram com vários tipos de situação, como saber viver da floresta, das plantações, plantações e pesca.

4. História de vida dos ribeirinhos.

A história de vida dos ribeirinhos é viver do plantio, da caça e da pesca, trabalhar no meio do sol, da chuva, no alagado, na terra firme, na várzea. Sua história de vida está relacionada com a floresta, com a água dos rios, lagos e igarapés. O ribeirinho seringueiro levava uma vida sofrida, visto que morava distante, sozinho praticamente e dependia da floresta. O trabalho era a produção da borracha através do látex colhido da seringueira, árvore nativa.

O ribeirinho seringueiro, após cortar as seringas e colher o látex, retornavam ao barraco construído de “paxiúba” e madeiras retiradas da floresta, para defumar a borracha, colocava o látex em uma bacia grande de ferro e iniciava a defumação até terminar o látex, a proporção que ia defumando a borracha ia pouco a pouco crescendo de tamanho, até ficar no tamanho desejado.

Lopes e Beltrão em “alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos”, destacam: “a pessoa viajava para a Amazônia na promessa de um trabalho digno, de receber um pagamento justo, na esperança de modificar suas condições sociais e econômicas. No entanto, não sabia que na verdade estava contraindo dívidas e se submetendo em uma espécie de prisão”. Dizem ainda os autores, que o seringueiro ao chegar na locação, passava diversas privações e só comia se trabalhasse.

Quando adoecia de malária a famosa “sezão”, agravava a situação. Quando não sabia produzir farinha era obrigado a consumir aquela, muitas vezes podres, fornecida pelo patrão. Muitos trabalhadores morreram, seja por doença, excesso de trabalho, fadiga, suicídio, intrigas e conflitos com patrões e outros seringueiros. O trabalho do seringueiro ribeirinho era um verdadeiro trauma psicológico porque vivia sozinho no meio da floresta, pensava nas dívidas com o patrão, pensava na família, nas doenças, enfim era uma verdadeira escravidão.

A história de vida do ribeirinho, homem da floresta, também era constituída de histórias de mitos e lendas como, o aparecimento da mãe do mato, a curupira que faz o caçador se perder na mata, o mapinguari que tem um olho na testa e assombra as pessoas, o Saci Pererê menino preto “danado” sem uma perna, a cobra grande que afunda as canoas dos pescadores, a sumaúma, grande árvore no meio da floresta, o boto que engravida as meninas jovens, a matinta pereira e o tinguã pássaro agourento.

O ribeirinho vive, aprende e conta suas histórias para marcar seu espaço vivido.

Simone Souza da Costa Silva (2010, p. 342, et. al.) em “rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação”, “os ribeirinhos vivem em sua maioria à beira dos rios, igarapés, igapós e lagos que compõem um vasto e complexo estuário amazônico”. Esta forma de vida tem sentido, sentido da cultura, dos costumes, do plantar, pescar, caçar, colher e vender.

O ribeirinho, homem da Amazônia aprendeu a lidar com a natureza, pois dela faz o seu modo de vida, modo de vida diferente de quem vive na cidade. Santos, Salgado e Pimentel (2018, p. 3) em “ribeirinho da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza”, dizem que, “o olhar naturalista vê a Amazônia, como sinônimo de natureza, a diversidade é vista como a biodiversidade da flora e fauna, uma grande fonte de recursos naturais a ser explorada”. A Amazônia é um viver de agradecimento a natureza, a floresta, aos rios, aos lagos e igarapés porque é da terra, que o ribeirinho sobrevive.

Entender a vida ribeirinha é compreender e respeitar a Amazônia, é respeitar sua população, seus hábitos e costumes, é respeitar o diferente, o indígena, o caboclo da beira do rio, o negro, fruto da miscigenação das raças. Santos, Salgado e Pimentel (2018) dizem que, “a população ribeirinha é composta por trabalhadores que se ocupam do extrativismo do açaí, buriti, cacau”, plantio da pupunha, do umari, abacaba, patoá, abacaxi, banana, a “uva” amazonense conhecida da natureza.

Viver na floresta, no Alto Solimões é ter paz, é respirar ar puro, é comer sem agrotóxicos é viver no meio da natureza sem a poluição sonora e ambiental. Neste sentido, a história de vida de ribeirinhos é lutar pela sobrevivência através dos rios, lagos, igarapés que lhes oportunizam a vida a ser vivida com cuidado, cautela e responsabilidade.

5. A Amazônia.

A Amazônia considerada a região com grande biodiversidade de todo o planeta, compreende um conjunto de ecossistemas formando uma grande biodiversidade. A fauna e a flora contam com mais de trinta milhões de espécies essas espécies são cobiçadas pelo homem que não se preocupava em manter viva e produtiva. A maior floresta do mundo está na Amazônia brasileira, seguida do Peru com treze por cento. A Amazônia é um dos biomas mais rico do planeta. É um lugar cobiçado internacionalmente pelo seu potencial de biodiversidade, pela sua produção de oxigênio.

Silva e Mascarenhas (2018, p. 204) da Universidade Federal do Amazonas em “implicações do pensamento decolonial para a educação amazônica” declaram, “a expressão Amazônia é polissêmica”, podendo assumir ares de geografia, de história, de uma região longínqua, de um lugar idealizado”. A Amazônia é

polissêmica visto que, abrange um território rico em biodiversidade capaz de contribuir todos os países do planeta.

Para Aragon em “a dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação”. (p.15) é a terceira mais pronunciada no mundo contemporâneo, apenas após Jesus Cristo e Coca-Cola”. Diz (p. 21), que a dimensão internacional da Amazônia em nível regional revela toda a complexidade da região em termos de físicos e humanos.

Moreira (2009, p. 6), afirma, “a Amazônia é uma região cada vez mais estratégica para os países que a compartilham sua biodiversidade. Torres (2005, p. 17) vem dizer: “a Amazônia é uma constelação aberta, sem fronteiras rígidas, articulada por processos sociais de grande alcance”. A Amazônia é um território da cobiça e vive momentos de destruição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda ação educativa carrega uma carga de intencionalidade que integra e organiza sua práxis, fazendo confluir para a esfera do fazer as características do contexto sociocultural, as necessidades e possibilidades do momento, as concepções teóricas e a consciências das ações cotidianas, num amálgama provisório que não permite uma parte ser analisado sem ser visto como síntese transitória das circunstâncias parciais do momento. Ghedin (2008, p. 42).

A busca de conhecimentos é um ato do ser humano, capaz de pensar, analisar, refletir, investigar o objeto de investigação, porém, este trabalho traz cinco subitens que tratam de conceituação de caboclos ribeirinhos, saberes, forma de trabalho e história de vida na Amazônia. Tentamos discorrer-los apresentamos conceitos da Amazônia e especificamos os demais itens.

Consideramos significativo o trabalho, porque nos remete a entender, compreender e analisar as questões postas sobre caboclo ribeirinho do Alto Solimões, precisamente na Amazônia. Este artigo tem como tema “ribeirinhos, saberes, trabalho e história de vida na Amazônia”. Esta produção explicitar teoricamente a questão ribeirinho, homens da floresta.

Consideramos oportuno dizer que esta produção foi realizada com muita parcimônia tendo como contribuição os textos e orientações apresentados pelos professores da disciplina, “Estudos de problemas educacionais da Amazônia”. Para

nós foi um grande desafio escrever este artigo, visto que enfrentamos momentos difíceis nessa pandemia.

Esperamos que este trabalho sirva de suporte teórico para que outros profissionais, pesquisadores, professores e estudantes se debrucem em sua melhoria. Chamo a atenção para o fato de que a questão dos ribeirinhos não pode ser menos serem esquecidos pelas instituições de ensino, pelos pesquisadores e governos, pois as condições precárias de trabalho nos remete a lutar por estes trabalhadores que vivem nas margens dos rios.

Portanto, vale ressaltar que o estudo produzido através dos textos nos trouxeram algumas inquietações, como contribuir para que os ribeirinhos, precisamente do Alto Solimões consigam viver com dignidade com apoio a saúde, ao transporte, a moradia, visto que vivem exclusivamente da natureza. Acreditamos ser necessário uma luta coletiva de todos os seguimentos sociais que force os governos oferecer condições de vida digna ao homem da floresta, respeitando cor, raça ou credo religioso. Considero de fundamental importância, os órgãos de governo, responsáveis assumir o compromisso social preconizado pela Constituição Federal de 1988.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Aldecy Rodrigues de. LIMA, Erika dos Reis Gusmão. **Os ribeirinhos e suas relações com os saberes**. Revista Educação em Questão, natal, vol. 38, n. 24, p. 58-87, mai/ago, 2010.

BATISTA, Aline Maria de Melo. **Práxis, consciência de práxis e educação popular: algumas reflexões sobre suas conexões**. Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 169-192, jul/dez. 2007.

BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes. (Orgs.). **Amazônia em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

COLARES, Anselmo Alencar. **História da educação na Amazônia. Questões de natureza teórico-metodológicas: críticas e proposições**. Universidade Federal do Oeste do Pará. Revista HISTEDBR - On line, Campinas, número especial, p. 187-202, out 2011- ISSN: 1676-2584.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 19. ed. 1988.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. Universidade Federal do Amazonas. Interações (Campo Grande) vol. 17. Nº. 1 Campo Grande jan/mar. 2016.

DECRETO Nº. 6.040 DE FEVEREIRO DE 2007. Presidência da República- Casa Civil – subchefia para Assuntos jurídicos.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Encontro de civilizações: Alto Solimões e as origens de Tabatinga**. Manaus: Valer, 2013.

FORMIGOSA, Marcus Rodrigues; LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. **Um navegar pelos saberes da tradição na Amazônia ribeirinha por meio da Etnomatemática**. Revista latino-americana de Etnomatemática, vol. 10, num. 1, 2007.

FURTADO, L.F.G. **Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. CNPQ/MPEG. Belém. (1993, p. 486).

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico**. Novos Cadernos NAEA vol. 2, no. 2 - dezembro, 1999.

MOREIRA, Helena Margarido. **A importância da Amazônia na definição da posição brasileira no regime internacional de mudanças climáticas**. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. “San Diego Dantas”. (UNESOP, UNICAMP, PUC-SP), São Paulo, 2009.

NEVES, Josélia. **Ribeirinhos, desenvolvimento e sustentabilidade possível**. Presença, revista de educação, cultura e meio ambiente. Mai – N o . 28, vol. VIII, 2004.

SANTOS, Cássio Rogério Graças dos; SALGADO, Mayany Soares; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. **Ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza**. Universidade Federal do Pará, 2010.

OLIVEIRA, Selma Suely Baçal de. (Org.). **Trabalho, educação, empregabilidade**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas; 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PRETRERE Jr. M. **As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais**. In: Diegues, A.C. **Populações humanas, rios e mares da Amazônia**. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. São Paulo (1992, p.31-68).

TORRES, Iraíldes Caldas. **As novas amazônicas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2005.